



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Joseane Haag Machado

CONVIVER CULTURAL: EMOÇÕES E REPRESENTAÇÕES DO
ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM EJA

Porto Alegre
Dez/2013

Joseane Haag Machado

**CONVIVER CULTURAL: EMOÇÕES E REPRESENTAÇÕES DO
ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM EJA**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Elly Hertz Genro

Porto Alegre
2013

Minha dedicação a minha querida amiga Aline Rosa e sua família que me acolheram com tanto carinho e me apoiaram no momento do vestibular em especial à querida Geni que deixa saudade em nossos corações; Aos queridos amigos e parceiros do grupo GEPIEM/UFPEL que foram e são especiais na minha formação acadêmica e pessoal; Às amadas Roselusia Morais [Rô] e Fernanda Santos [Fê] que dividiram comigo o espaço, as dores, as dúvidas, as alegrias e as vitórias; À Pâmela que me fez entender que não somos perfeitas e que o laço fraterno que nos une acolhe o perdão e o carinho; A minha amada tia Ju por quem eu guardo um amor imenso e uma saudade que, por vezes, ainda dói; Ao meu grande amor, meu marido Paulo de Tarso, que todos os dias me apóia, incentiva, escuta e assiste aos tantos trabalhos acadêmicos e é uma das razões pela qual eu acredito na jornada de estudos que apenas cumpre uma etapa e que aguarda longos momentos de aprendizado; e, por fim, aos meus amores, meu pai, Ivan, e minha mãe, Nara, aqueles que me ensinaram a honestidade e o respeito, a coragem e a determinação, e por quem recebi dedicação e amor por toda minha trajetória acadêmica. São estas pessoas que fizeram com que momentos simples fossem marcados para sempre!

Ao concluir este trabalho agradeço com carinho...

... à oportunidade de ter feito parte da Universidade Federal de Pelotas, bem como, ter tido a honra de ser acadêmica da Faculdade de Educação da universidade Federal do Rio Grande do Sul;

... à professora Lúcia Peres com quem tive a oportunidade de ser Bolsista de Iniciação Científica - GEPIEM/UFPEL com o trabalho memorável com *Histórias de Vida* e com quem aprendi muito;

... ao professor Rogério Wurdig que se tornou um grande exemplo de professor para mim, e com quem tive a oportunidade de participar de um Projeto de Extensão/UFPEL onde tive a grata chance de conhecer a realidade das escolas públicas do Estado;

... à professora Denise Comerlato com quem tive a oportunidade de ser Bolsista de Monitoria/UFRGS e colaborar na vice-diretoria da faculdade de Educação em seus 40 anos de história; e, também, por sua excelente orientação no estágio em EJA;

... à minha querida Orientadora desse trabalho professora Maria Elly Herz Genro que me apoiou e me acolheu com muito carinho e dedicação;

... aos meus alunos e alunas que deixo a minha homenagem por acreditar nos laços fraternos que construímos em nossos momentos do conviver;

... às minhas colegas parceiras de tantas dúvidas e ansiedades, em especial à Andressa pela dedicação a nossa amizade;

... à nova eterna amiga Tati que compartilha comigo saberes e experiências planejando nosso futuro espaço de conviveres;

... a todos que de alguma forma fizeram parte dessa história;

Muitíssimo Obrigada!

PERFEIÇÃO

Vamos celebrar
A estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja
De assassinos
Covardes, estupradores
E ladrões...

Vamos celebrar
A estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso estado que não é nação...

Celebrar a juventude sem escolas
As crianças mortas
Celebrar nossa desunião...

Vamos celebrar Eros e Thanatos
Persephone e Hades
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade...

Vamos comemorar como idiotas
A cada fevereiro e feriado
Todos os mortos nas estradas
Os mortos por falta
De hospitais...

Vamos celebrar nossa justiça
A ganância e a difamação
Vamos celebrar os preconceitos
O voto dos analfabetos
Comemorar a água podre
E todos os impostos
Queimadas, mentiras
E seqüestros...

Nosso castelo
De cartas marcadas
O trabalho escravo
Nosso pequeno universo
Toda a hipocrisia
E toda a afetação
Todo roubo e toda indiferença
Vamos celebrar epidemias
É a festa da torcida campeã...

Vamos celebrar a fome
Não ter a quem ouvir
Não se ter a quem amar
Vamos alimentar o que é
maldade
Vamos machucar o coração...

Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado
De absurdos gloriosos
Tudo que é gratuito e feio
Tudo o que é normal
Vamos cantar juntos
O hino nacional
A lágrima é verdadeira
Vamos celebrar nossa saudade
Comemorar a nossa solidão...

Vamos festejar a inveja
A intolerância
A incompreensão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalhou honestamente
A vida inteira
E agora não tem mais
Direito a nada...

Vamos celebrar a aberração
De toda a nossa falta
De bom senso
Nosso descaso por educação
Vamos celebrar o horror
De tudo isto
Com festa, velório e caixão
Tá tudo morto e enterrado agora
Já que também podemos
celebrar
A estupidez de quem cantou



Venha!

Meu **coração** está com pressa
Quando a **esperança** está dispersa
Só a **verdade** me liberta
Chega de **maldade** e **ilusão**

Venha!

O **amor** tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro recomeça

Venha!

Que o que vem é **Perfeição!**

O Descobrimento do Brasil é o sexto álbum da banda brasileira de rock Legião Urbana, lançado em 1993 pela gravadora EMI. A Música “Perfeição” foi transcrita para este trabalho como apontamentos acerca das emoções e representações presentes no nosso conviver cultural – indica o caminho das reflexões aqui realizadas.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CONVIVER CULTURAL: EMOÇÕES E REPRESENTAÇÕES DO ESTÁGIO DE
DOCÊNCIA EM EJA**

Acadêmica: Joseane Haag Machado
Orientadora: Profª Maria Elly Genro

Disciplina: Reflexão Sobre a Prática Docente – EJA

8º semestre - 2013

RESUMO

O estágio de docência obrigatório do Curso de Pedagogia da UFRGS se caracteriza por ser um momento singular na trajetória das acadêmicas, e traz consigo muitas inquietações, dúvidas e expectativas que surgem de textos e teorias, discursos e exigências. Em meio a documentos, a procura de escolas, a planejamentos de aulas emergem muitas emoções e representações vindas de histórias de vidas singulares e, ao mesmo tempo, simbolicamente iguais. Nessa perspectiva, serão apresentados conceitos específicos acerca das emoções e representações culturais que partem dos estudos do professor chileno Humberto Maturana para analisar quais os sentimentos que surgem em aprendizes de professora no Estágio de Docência em EJA. Os documentos analisados foram os relatórios de estágio na Educação de Jovens e Adultos de sete acadêmicas do Curso de pedagogia 2013/1, bem como, os seus diários de classe e relatos feitos ao longo das aulas de seminário de docência. Quando adentramos o estágio de docência nossas emoções se chocam com nossa crença da racionalidade que traz a base em teorias e discursos, mas que fogem ao controle frente às demandas emocionais, existenciais, experienciais que fluem da condição do *estar estagiária*. Entendermos nossa condição de seres humanos racionais/emocionais nos permite uma percepção fantástica que nos aguarda no conviver humano, que mais que um simples viver, é experiencial, e que nos conduz ao ensinar/aprender conforme nós conduzimos o viver/experimentar.

Palavras-chave: conviver humano; representações; emoções

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONCEITOS BASILARES:	11
2.1 PRIMEIRO CONCEITO: EMOÇÕES	11
2.2 SEGUNDO CONCEITO: RACIONALIDADE	13
2.3 TERCEIRO CONCEITO: AMOR	14
3. ESSA TAL HISTÓRIA DO ESTÁGIO: QUEM APRESENTA?	15
3.1 AS ESTAGIÁRIAS	15
3.2 PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....	17
4.1 O <i>ESTAR</i> ESTAGIÁRIA.....	19
4.2 ERA UMA VEZ: O COMEÇO	21
5. MOMENTOS E SUAS REPRESENTAÇÕES: CONVIVER SOCIAL E AFETO	24
5.1 O (REE) DITADO: MUITOS APRENDIZADOS	24
5.1.1 O Erro	25
5.2 MINHA CARA DIZ QUEM EU SOU?	28
5.2.1 As representações	29
5.3 A ESCRITA DE MIM	33
5.3.1 Emoções: Minhas Marcas	33
5.4 AS FOGUEIRAS: MEU BRILHO	35
5.5 AS FOGUEIRAS: DIFERENTES?.....	37
5.6 ENSINEI? SIM!APRENDI?! MUITO!	38
5.6.1 Docente, eu?	38
5.7 GERAÇÕES BABY BOOMERS, X E Y: O CONVIVER E AS EMOÇÕES	40
6. CONFISSÕES FINAIS	45

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, intitulado **Conviver Cultural: emoções e representações do estágio de docência em EJA**, tem como tema principal, a ser pesquisado e discutido, o conviver cultural e humano. A partir de conceitos específicos emergentes de tal tema, serão abordadas as emoções que fluem do momento em que se vive a experiência de *estar estagiária* e as representações que se defrontam nas expectativas das acadêmicas de pedagogia quanto aos seus alunos, à escola, às apresentações documentais à universidade, à cultura escolar, ao conteúdo, enfim, aos muitos desdobramentos que acontecem na vivência/experiência de um estágio docente.

A partir de relatos e da análise dos *Relatórios de Estágio* em Educação de Jovens e Adultos, bem como, de Diários de Classes - das alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio grande do Sul, estagiárias na EJA - 2013/1, foram escolhidas situações singulares representativas de cada aluna [inclusive as minhas] para ser feita uma breve análise relacionada ao tema conviver humano com reflexos às emoções e representações culturais. Por se tratar de uma pesquisa basicamente documental, primeiramente foram analisados todos os documentos citados, sendo feita uma seleção de situações chave de vivências/experiências do estágio em EJA que permitiam uma análise relacionada aos conviveres nos espaços entendidos do estágio. Logo, essas situações foram agrupadas por afinidades de intenções e desdobramentos, e foram discutidas ao longo de suas descrições. Também, muitos fragmentos do meu Relatório de Estágio em EJA fizeram parte desse trabalho, pois minhas “conclusões” são frutos de estudos que apenas tomam início e que farão parte da minha trajetória acadêmica [mestrado e doutorado].

O uso imagens para ilustrar este trabalho pode mostrar um pouquinho das minhas representações [talvez] quem sabe! E, para mostrar mais do que somente com palavras escritas o meu pensar docente como estagiária de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao aceitarmos culturalmente a ideia de seres ora emocionais, ora racionais, hierarquizamos os seres humanos em um patamar em que os seres ditos racionais ocupam as melhores posições sociais, são mais fortes.

Com os conceitos aceitos por mim com base nos estudos do professor chileno Humberto Maturana Romesín - e que serão considerados para este trabalho - somos seres racionais/emocionais, não há como separar nossa condição nata de humanos [*homo sapiens - amans amans*]. Somos racionais/emocionais e não ora uma, ora outra. Ainda, outros autores presentes nas leituras e identificações que fiz ao percorrer o curso de pedagogia, bem como, aqueles que fazem parte de minha trajetória de leituras, também compuseram os conceitos e ideias presentes nas discussões citadas anteriormente, como Marie-Christine Josso, por exemplo. Permiti-me filosofar com Sócrates e Platão sempre que me senti livre para esquecer as regras burocráticas que perpassam um trabalho acadêmico, deixando tomar vida a poetiza que gosto de ser falando do humano como algo importe e dos conviveres como algo sublime, digno de análise e comentários.

Com estes fundamentos, o tema escolhido se torna pertinente aos estudos da academia, em particular ao curso pesquisado – pedagogia, pois quando adentramos o estágio de docência nossas emoções se chocam com nossa crença da racionalidade que traz a base em teorias e discursos, mas que fogem ao controle frente às demandas emocionais, existenciais, experienciais que fluem da condição do *estar estagiária*.

Essa racionalidade que nos é exigida faz com que acreditamos que nossas emoções sejam algo ruim, contraditório, insignificante. Dar conta de regras acadêmicas e conteúdos obrigatórios nos afasta da percepção fantástica que nos aguarda do conviver humano, que mais que um simples viver, é experiencial, e que nos conduz ao ensinar/aprender conforme nós conduzimos o viver/experimentar.

Não há como negar as emoções presentes na condição de estagiária, assim como, não há como passarem despercebidas as representações culturais, inclusive do *estar estagiária* e do *estar* aluno ou aluna.

Com a incansável admiração e observação ao humano, justifico meu interesse de pesquisa como algo que vai além dos muros da academia e que surge como algo processual, pessoal e experiencial ao longo da minha trajetória de vida.

2. CONCEITOS BASILARES:

Conceitos específicos serão utilizados como aporte às análises feitas a partir da experiência de estagiárias em EJA do Curso de Pedagogia da UFRGS. Assim, se torna pertinente uma breve explicação de cada um para que o leitor possa se aproximar mais com o tema e com a construção aqui realizadas.

Os conceitos estão explicitados em três livros do professor chileno Humberto Maturana Romesín¹ – estudados por mim – sendo eles: *Habitar Humano: em seis ensaios da Biologia-Cultural* (2009); *Amar e Brincar: Fundamentos Esquecidos do Humano* (2004); e, *Emoções e Linguagem na Educação e na Política* (1998). Eles serão transcritos e brevemente comentados.

2.1 PRIMEIRO CONCEITO: EMOÇÕES

“[...] são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação”.

No cotidiano, temos exemplos claros de que nossas emoções são definidores de nossas ações *“Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação”*. Contudo, temos como discurso a certeza da nossa racionalidade – que afirma nossa diferença dos outros animais – e não nos damos conta que até mesmo nessa racionalidade há emoção. Segundo Maturana, *“não vemos o entrelaçamento cotidiano entre emoção e razão, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”*. Vamos imaginar/viajar um pouquinho com um exemplo bem simples:

¹MATURANA, Humberto. Ph.D em Biologia em Harvard; Professor da Universidade do Chile; e, Cofundador, com Ximena Dávila Yáñez, do Instituto Matriztico no ano 2000, onde trabalha no desenvolvimento da dinâmica da Matriz Biológico-cultural da Existência Humana. A proposta do instituto é explicar as experiências desde as experiências, como um fazer próprio do modo de viver humano (cultura), em um fluir no entrelaçamento do linguajar e do emocionar (conversar), que é desde onde surge todo o humano.



Beltrana, conhecida como Bel, acorda cedo, muito, mas muito feliz, sorridente e de bem com a vida – sabe-se lá porquê! É um domingo nublado e, logo, ela percebe que se esqueceu de comprar o pão: “Poxa! Não acredito que me esqueci de comprar pão! – fala rindo dela mesma. Se veste com um modelito “casa” e se prepara para ir à padaria do bairro [que abre ao domingos]. Ao sair, percebe que seu vizinho passeia com o seu cachorrinho. Sorrindo se aproxima, pergunta como vai a família, elogia o bixano e comenta do domingo nublado: ótimo para um filminho e uma sonequinha. Caminha até a padaria se sentindo uma atleta!

Chega à padaria e pergunta à atendente: “Tem cervejinha?”. A moça, por sua vez, responde que não. Bel, sorridente diz que pode ser duas massinhas doces, então. “Não, não, três, por favor: comerei uma à tarde!” – diz ela. Vai ao caixa para pagar e encontra uma pequena fila: ela olha os produtos, cantarola, conversa com o senhor da frente falando do dia nublado ótimo para uma soneca.

Outra versão de Bel! Acorda cedo e se incomoda com isso: Eu não acredito: é domingo e não é nem oito e já estou acordada! Vou levantar, né?! Fazer o quê! “Acordou com o “pé esquerdo! – sabe-se lá por quê! Em sua face se configura uma carranca! Chega à cozinha e percebe que esqueceu de comprar o pão! “Mas que...esqueci de comprar a xxxxx do pão! Não acredito! Vai se vestir: “O que eu visto agora?” Não tenho uma roupa para por... não aguento mais isso! – diz ela enfurecida. Ao sair percebe que seu vizinho passeia com o cachorro: “Lá está aquele mala! Preciso escapar! Finge que não o vê e vai até a padaria como se estivesse puxando uma tonelada!



“Dia nublado!” – fala ela. É sempre assim! “Domingo que eu posso passear está nublado! Daqui a pouco chove e completa o dia! Que beleza! Vou ficar trancada em casa! O jeito é dormir e trabalhar a semana inteira de novo!”

Chega à padaria e pergunta se tem cervejinha e recebe a resposta não da atendente. Sem deixar a moça terminar de falar, Bel logo atira, como uma metralhadora, o seu ponto de vista: “Como assim não tem cervejinha! Vocês não

querem vender, é isso? Me dá essa massinha doce aí mesmo! Está com a cara feia, mas só tem isso, fazer o quê!” Vai batendo os pés no chão como se quebrassem amendoins; chega ao caixa e encontra a fila. Mais metralhadora: “Mas, não acredito nisso! Fila! O Brasil é o país da fila! Tem fila para tudo aqui! Não é de se admirar que é Terceiro Mundo! Um dia vou morar longe daqui” Respira fundo em intervalos cada vez mais curtos! O senhor da frente até se vira para puxar conversa, mas Bel imediatamente reforça sua carranca e vira para o outro lado!

É um exemplo simples apenas para ilustrar como são claras as emoções em nosso cotidiano, e como as representações que conotamos para explicar o comportamento de Bel são muitas e fundadas na dita racionalidade que utilizamos para justificar nossa existência. Maturana (1998) diz:

[...] hoje sabemos que cada domínio racional se baseia em premissas básicas aceitas a priori, isto é em bases emocionais, então são as nossas emoções o que determina o domínio racional em que operamos como seres racionais a qualquer instante.

2.2 SEGUNDO CONCEITO: RACIONALIDADE

“O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações”.

Para Maturana o racional se funda em *“premissas aceitas a priori, aceitas porque sim, porque agradam a alguém, aceitas pela preferência de alguém”*. A racionalidade está nas nossas crenças – a ciência explica!; nossos dogmas, filosofias, religiões; está nas interpretações dos fatos que aceitamos como verdade. Contudo, essa verdade é fundada nas emoções, pois são elas que *definem* nossos domínios de ações, ou seja, o autor explica que:

[...] como não entendemos o fundamento emocional das nossas ações, ficamos presos na convicção de que o viver humano é racional e, portanto, deve ser vivido através da razão, bem como na convicção de que emoções podem destruir a racionalidade e são uma fonte de arbitrariedade e desordem na vida humana. Assim, a longo prazo, não conseguimos entender a nossa existência cultural.

2.3 TERCEIRO CONCEITO: AMOR

“[...] É a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência”.

Aqui, tomo outras transcrições do livro *Emoções e Linguagem na Educação e na Política* (1998):

[...] As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. Por isso a linguagem, como domínio de coordenações consensuais de conduta, não pode ter surgido na agressão, pois esta restringe a convivência, ainda que, uma vez na linguagem, ela possa ser usada na agressão.

[...] O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômenosocial.[...]

[...] O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. [...]

3. ESSA TAL HISTÓRIA DO ESTÁGIO: QUEM APRESENTA?

3.1 AS ESTAGIÁRIAS



“Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista”.

Cora Coralina



"Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre."

Paulo Freire

2



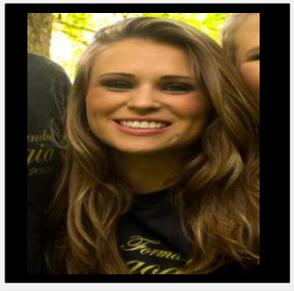
“Eu tenho uma espécie de dever que é de sonhar e sonhar sempre, pois sendo mais que um espectador de mim mesmo, eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso. E assim que construo a ouro e sedas, em salas supostas, invento palco, cenário para viver o meu sonho. Entre luzes brandas e músicas invisíveis”.

Fernando Pessoa (final dos anos 20 e 30)

²²O *Livro do Desassossego* é uma das obras maiores de Fernando Pessoa. É assinado pelo semi-heterónimo Bernardo Soares. É um livro fragmentário, sempre em estudo por parte dos críticos pessoais, tendo estas interpretações díspares sobre o modo de organizar o livro. Teresa Sobral Cunha considera que existem dois *Livros do Desassossego*. Segundo a estudiosa, que organizou em conjunto com Jacinto do Prado Coelho e Maria Aliete Galhoz a primeira edição do livro editada apenas em 1982, existem dois autores do livro: Vicente Guedes numa primeira fase (anos 10 e 20) e o já referido Bernardo Soares (final dos anos 20 e 30).

Ketulen

FOTO



"E à medida que minha mente começa a abrir suas asas,
não há limites para a curiosidade."

Jack Johnson



"Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar,
com imagens e ideias de hoje, o passado"

(Chauí, 1987, p. 17).

3.2 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

"Poderias dizer-me tu, Sócrates, se a virtude se adquire mediante o ensino ou mediante o seu exercício? Ou, se ela não é consequência nem do ensino nem do exercício, se é antes a natureza que a dá ao homem ou, inclusive, se ela provém de outra causa?", encontrada em Menon, 70a, de Platão.

Quando, ao percorrer o Curso de Pedagogia, nos encontramos em estágio docente obrigatório, muitas dúvidas e anseios surgem de uma trajetória de textos e teorias, discursos e exigências.



Mantemos uma lógica absurda do que não iremos fazer, já com um discurso de certezas que remete a uma teoria ideal, a uma ideologia programada, como se cada discurso fosse se materializar assim que sairmos da universidade.

Bem, chega o momento do estágio! Hora de colocarmos em prática o que idealizamos por anos, com a certeza de provar [a alguém] que pode ser diferente – e pode! – que podemos fazer diferente [melhor?].

A experiência de chegar à sala de aula, assumindo uma turma da EJA, munidas de teorias, métodos e metodologias, e formatadas por um processo de formação acadêmica, me fez pensar [enlouquecer] em busca de conteúdos e conteúdos, de como alfabetizar, o que passar no quadro [posso passar no quadro?]. Perdi-me em meio ao técnico e esqueci o que, há tempos, tanto me move: a importância dos conviveres e os aprendizados emergentes destes.

Em muitas discussões nas quintas-feiras pela manhã, No Seminário de Docência, na Faculdade Educação, com as colegas participantes deste trabalho, e também, com nossa orientadora prof^a Denise Comerlato, deparei-me com conflitos e ansiedades comuns a todas as estagiárias. Lá no início: documentos e mais documentos, a formalização do estágio. Ir às secretarias de Educação: exigências legais - filas, prazos, protocolos. Nervosismo, cansaço, pressão! Conseguir escola para estagiar! E agora? O que podemos dizer: não deixem para a última hora! Questões burocráticas quase sempre são complexas!

Seguindo: o começo do estágio! Desesperadas em busca de uma super aula observamos turmas nada assustadoras: pessoas cativantes, alegres, muito bem humoradas; cheias de histórias, loucas por contá-las. Já outras, muito assustadoras:

conflitos pessoais e de convivência, dificuldades de socialização, medos, angustias, descrença.

Os estudos do curso de pedagogia são fundamentais para entender o processo de aprendizado dos seres humanos – principalmente se vamos além dos muros da academia – e, nos oportunizam subsídios para resolvermos e discutirmos os conflitos no ensino/aprendizagem: fundamental. Mas, não podemos esquecer que não nos transformamos em professoras quando entramos em sala de aula: nossas ideologias, nossos quereres, nossas dores e alegrias são partes fundantes no meu *ser professora*. Como diz Marie-Christine Josso³ (2007): “*A transmissão do saber se faz com a experiência de vida das pessoas*”. Isso é ruim?! Não, com certeza não! Ao contrário, é o que nos liberta dos saberes técnicos, onde manteremos certos aprendizados como base para sermos uma professora, e além, para sermos um ser capaz de conviver e observar, dividir e inspirar o aprendizado com outros seres sedentos de saberes, mas não só isso, sedentos de conviveres: o aprendizado que também se aprende!

Para análise desse trabalho, algumas atividades e situações singulares foram previamente selecionadas para relatar a história tão especial do estágio docente em EJA e contribuir acerca das discussões do conviver cultural e as emoções e representações emergentes deste.

Todos os momentos selecionados serão dialogados de forma genérica, sem apresentação de nomes de suas autoras e, sim, nomes fictícios escolhidos por elas. A intenção é de preservá-las, mas, acima de tudo, de direcionar as discussões, sem análise de mérito, à compreensão dos conviveres e sentires como espaço presente nas diferentes situações, no caso, do estágio docente. Cabe ao leitor desse trabalho – se tiver interesse – fazer mão de seu imaginário dar nomes aos personagens, imaginar suas faces. Alguns fragmentos dos textos foram transcritos dos relatórios de estágio de todas as participantes desse trabalho, inclusive do meu. Algumas reflexões ao longo do trabalho são fruto das minhas experiências no Estágio Docente em EJA, e são aportes para a análise do estágio em si e seus muitos desdobramentos.

³JOSSO, Marie-Christine. Socióloga. Antropóloga e doutora em Ciências da Educação. Professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra. *E-mail*: Marie-Christine.Josso@pse.unige.ch

4. EMOÇÕES E REPRESENTAÇÕES: EXPERIÊNCIAS DOCENTES

4.1 O ESTAR ESTAGIÁRIA



Quase quem sem nome, chegou a estagiária [soa quase que pejorativo!]. “É a senhora que vai dar aula para a gente agora?”; “Mas, e a professora?”. “Outra estagiária!”. “Agora a gente vai ter duas professoras, pessoal, calma!”. Recepção acalorada! Assustada! Nós entrando no espaço já constituído pelos alunos e a professora titular. Eles, recebendo alguém estranho com perspectivas embasadas em outras experiências já vividas por eles em outros momentos na EJA.

Em meio à pesquisa de conceitos acerca de ser estagiário, surge, em um site de empregos, esta piadinha que marca as representações que rotula a posição que ocupamos – nesse caso, a de estagiárias:



Certa vez, um homem viajava em um balão de ar quente quando descobriu que estava totalmente perdido. Visto que a sua situação era desesperadora, resolveu diminuir a velocidade e a sua altitude para ver se conseguia se localizar, quando avistou um rapaz andando tranquilamente pelo campo. Então, gritou para o rapaz:

“Olá. Você pode me dizer onde estou?”

E o jovem respondeu:

“Mas é claro! Você está num balão, a uns dez metros do solo.”

Constrangido com a resposta, o homem retrucou de cima do balão:

“Você com certeza é estagiário, não é?”

“Sou sim, como o senhor sabe?”, respondeu o rapaz.

“É que a informação que você me deu é tecnicamente perfeita, só que não serve pra absolutamente nada.”

“Bom, o senhor é gerente, não é?”

“Sou mesmo, como você adivinhou?”

“Fácil, fácil! É o seguinte: o senhor não sabe onde está, muito menos pra onde vai. Está perdido e a primeira coisa que faz é colocar a culpa num estagiário!”⁴

⁴ Fonte: O que é ser estagiário. Disponível em: <http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/dicas-emprego/o-que-e-ser-estagiario>

Mas, quais as representações que surgem da posição ocupada por uma estagiária docente da educação de jovens e adultos frente à escola, à universidade, aos alunos e ao seu próprio reconhecimento às demandas, direitos e obrigações?

O meu pensar quanto ao conviver cultural, a representações e as relações de convivência entre os participantes do ensino-aprendizagem nos espaços escolares, não está caracterizado por análises de como devem ser estes ambientes e estas relações, mas, sim, como estes ambientes foram [e são] moldados pelo tempo, pelos participantes deste processo, e por outras diversas construções, e o quanto a afetividade pode ser um instrumento transformador; por conseguinte, a importância de considerar nossas vivências/experiências e a importância de autoeducar-se para a construção destes ambientes/relações.

Com base nessas afirmações, me percebi uma professora estagiária muito dependente da minha turma. Por um lado, pelo desejo de aceitação deles: eu, uma estagiária, invadindo aquele espaço já organizado e construído. Por outro, a busca e o desejo incansável de que eles aprendessem a ler e escrever. Ainda, a construção de um ambiente/relações que fossem amorosos, com respeito, amizade.

Achei-me conhecendo uma pessoa que se transforma a cada experiência e que mergulha na convivência como que em algo transcendental, sublime. Estou feliz pelas vivências/experiências que tive e pelos afetos que surgiram dela!

Nossas relações em sala de aula, a aprendizagem deles [e minha] refletiram de alguma forma na nossa vida, no nosso jeito de ser, no nosso pensar – meu pensar docente e pessoal. Foram trocas de vivências/experiências e aprendizagens! Como dizia Paulo Freire:



Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

PAULO FREIRE

⁵Imagem retirada da rede social Facebook.

Já nas reuniões pedagógicas que aconteceram todas as sextas, minha presença era quase imperceptível. Parecia, por muitas vezes, que eu era transparente, invisível! Ninguém pedia minha opinião! Tive que me controlar para não me pronunciar, pois eu tinha muito a dizer! Por que será que o estar estagiária remete ao não saber?! Que representação é esta?! Que lugar é este que se ocupa por meses e que parece ser tão pejorativo?! A professora de artes, visivelmente mais liberal, em uma certa reunião, pediu que eu opinasse sobre determinado assunto: assim o fiz! Parei a reunião! Senti-me como um gnomo verde fluorescente com bolinhas rosas pink: todos ficaram me olhando! Imaginei se o que estava falando era muito absurdo ou muito fantástico! Não descobri a resposta! Nas reuniões seguintes começaram a me incluir nas conversas... não sei se por dó ou por capacidade!

4.2 ERA UMA VEZ: O COMEÇO



Os estudos do professor chileno Humberto Maturana (1998) dizem quanto a *conhecer - viver*, e o modo de relacionar-se e de organizar-se numa relação. Não se trata de somente se adaptar ao ambiente, mas de criar /recriar esse espaço de convivência. Nesta relação - para o autor - é que emerge o social, entendido como atitudes de convivência fundadas nas emoções. Com base nesses estudos, reflito quanto ao espaço das representações dos alunos quanto à ruptura do ambiente e das relações existentes nele. Há duas possibilidades, tomar para si o mau grado e a insatisfação dos alunos quanto a sua presença ali naquele espaço e ter um péssimo estágio, cheio de melindres e agressões gratuitas; ou, *conhecer-viver*, saber o que é acessível ao lugar ocupado naquele momento [estagiária]; criar um ambiente/relação capaz de estreitar laços de convivência e afeto; cativar.

Com o meu olhar observador do humano, aos meus muitos anos de trabalho voluntário e, aos meus insistentes estudos quanto à *condição humana*, escolhi a segunda opção! Cativar! Estreitar laços de afeto na convivência!

As emoções implicadas nas relações de convivências são reflexos dos nossos muitos *habitares*⁶, dos nossos pontos de vista, das nossas vivências/experiências, dos nossos sentires. Para Maturana, as emoções “são *disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos*”, assim, me aproveitando da alegria e bom humor da minha turma de adultos, deixei emergir o meu lado cômico e selecionei minhas melhores “piadas” para conseguir adentrar naquele espaço de convivência e cativar os meus educandos. Observação importante: piadas não tomam sentido literal - sou péssima em contá-las; estrago todas sempre rindo e me perdendo antes da metade!

No meu Relatório de estágio contei que entre uma brincadeira e outra, entre um elogio e toque afetuoso no ombro, fui me aproximando daquelas pessoas. Aqueles primeiros resmungues foram se dissipando em meio aos laços criados naquela relação. O conteúdo? Ah, sim, o conteúdo! Interessante é pensar que o conteúdo surgiu de forma natural, espontânea: fui trazendo o que eles traziam para mim com suas dúvidas e inquietações. Surgiu da convivência, da oportunidade criada pelos laços afetivos de dizer que não está entendendo ou que não está conseguindo aprender. Essa relação de desabafo, sabendo que sua atitude não será julgada, menosprezada ou zombada, é combustível fundamental na aprendizagem, no *estar* aluno. “Nós estamos aqui para aprender, né, professora?!”; “Se já soubéssemos tudo não precisaríamos estar aqui, né, professora?!”. Valorizar cada conquista: uma letra a mais apreendida pelo aluno; uma contribuição gratuita na atividade [mesmo que não tão “correta” assim]; uma opinião que gera um tema de estudo, a pesquisa de um texto para a próxima atividade; a valorização das histórias de vida e suas dores trazidas tantas e tantas vezes pelos alunos. Enfim, conteúdos são importantes e a formação acadêmica nos oportuniza escolhas. Contudo, sem o olhar observador às pessoas, aos seres humanos participantes do processo, não pode haver conteúdo que contemple aquelas necessidades. Não há! No lugar do afeto, há agressão, pois o conteúdo e suas metodologias serão prioridade; a forma [com todo o sentido da palavra] é o que vai contar; as práticas seguidas à risca; a

⁶ A palavra “habitares” remete a um conceito trazido por Humberto Maturana em seu livro *Habitar Humano: seis ensaios da Biologia Cultural* (2009).

repressão; a negação do sujeito na sua própria aprendizagem. Para refletir, ainda com as palavras do professor Maturana (2002, p.6), ele diz que:

[...] Interações baseadas na obediência, na exclusão, na negação, no preconceito não podem ser ditas sociais, pois negam a nossa condição biológica básica de seres dependentes do amor, isto é, negam o outro como legítimo outro na convivência e fazem adoecer. Instituições e práticas baseadas no argumento da racionalidade e da obrigação são, portanto, anti-sociais e têm de ser repensadas.

Por conseguinte, foi o *estar* estagiária vivendo e percebendo de perto o processo de interação dos alunos com suas conquistas e dificuldades que me fez ter a certeza da significação e ressignificação do meu pensar docente; das singularidades que trago de uma trajetória de vida – na universidade e fora dela; do meu próprio olhar para as minhas dúvidas e anseios; e, do meu olhar atento ao outro, àquele que também me ensina e precisa me acolher [somos seres emocionais dependentes uns dos outros]⁷.

⁷ Fragmentos transcritos do meu Relatório de Estágio em EJA – 2013.1

5. MOMENTOS E SUAS REPRESENTAÇÕES: CONVIVER SOCIAL E AFETO

“A arte de viver é simplesmente a arte de conviver... simplesmente, disse eu? Mas como é difícil!”

Mario Quintana

Nesse capítulo começarão a ser apresentadas as situações selecionadas nos documentos de análise. Assim como são descritas, serão comentadas. Cada história traz sua análise e não são vinculadas entre si: a não ser pelo objetivo que perpassa esse trabalho - emoções e representações.



5.1 O (REE) DITADO: MUITOS APRENDIZADOS

Diariamente, na turma de Ametista⁸, turma de alfabetização, era realizado um ditado com dez palavras que acontecia depois de alguma atividade, sempre acompanhando o conteúdo ou as dúvidas dos alunos quanto à grafia daquelas palavras.

O ditado, por muitos, é visto como algo pouco significativo na aprendizagem, memorização, ou ainda, como apenas sondagem dos conhecimentos adquiridos. Aqui o ditado toma sentido mais profundo e se caracteriza pela construção coletiva de conhecimento onde todos participam e contribuem para a leitura e escrita das palavras.

Primeiro, eram distribuídas folhas com linhas e numeração e uma divisória. Logo, as palavras eram ditadas. Essas palavras tinham sempre relação com a temática das aulas e com aprendizagens anteriores. Após, a correção começava e acontecia no quadro de giz. A professora escrevia a numeração e cada aluno ia até o quadro e escrevia uma das palavras. Até então tudo normal! O mais interessante nessa atividade é que surgiu uma relação de cumplicidade da turma em que todos se ajudavam mutuamente, e cada letra esquecida era lembrada por um colega e discutida entre eles. A professora pouco interrompia- apenas expunha perguntas

⁸ Nome fictício escolhido por uma das estagiárias.

desafiadoras e sorrisos de incentivo! Eram os alunos que construíam em conjunto suas aprendizagens; e não havia deboche ou melindre, pois todos entendiam a condição do outro no processo de conhecimento, e acolhiam seu colega na intenção de contribuir solidariamente.

5.1.1 O Erro

Com a intenção que os alunos fizessem a correção das palavras sem que apagassem o que haviam escrito para que pudessem observar quais foram seus erros, foram distribuídas as seguintes folhinha:



NOME: LUCIANA

1. TANPA	1. TANAIPA
2. LiGPO	2. LIANIP
3. CAAPo	3. CAANIP
4. PouBo	4. POMBDO
5. TE Po	5. TENIP
6. ouBoRo	6. OUPNO
7. BABOLE	7. BANBOLE
8. BAUBU	8. BANBU
9. LONBA	9. LOMBA
10. BoBOu	10. BOMBOM

DITADO

NOME: Maria de Lourdes

1. gRama	1. GRama
2. gRanada	2. GRanada
3. gRafia	3. GRAfia
4. gRamado	4. GRamado
5. gRande	5. GRande
6. glaciáx glaciála	6. glaciá
7. glicérina - glicERina	7. glicERina
8. glacé	8. glacé
9. glirte - gliteR	9. gliteR
10. gloBo - gloBo	10. gloBo

Percebemos que de um lado e de outro a numeração e um espaço para a escrita. Logo, em um dos lados eles deveriam escrever quando ditada a palavra e do outro corrigi-la conforme escrita no quadro.

Os alunos estavam apagando a sua escrita ditada e corrigindo-a. Apagando [sem deixar rastro] o seu erro. Insistentemente, a Ametista passou de classe em

classe, tentando mostrar a importância da observação que eles deveriam fazer quanto a sua escrita – sem sucesso. Muitos continuavam apagando o seu erro!

Estereotipado com um rótulo de coisa negativa, o erro deve ser suprimido, escondido, negado: visão esta trazida pelos alunos a partir de uma visão escolar construída à priori, com resquícios de uma educação escolar punitiva e repressora. Construção social e representações!

O erro, indiscutivelmente, está associado à culpa. Sabemos que uma criança que admite seu erro já espera por uma punição. Não é diferente com jovens e adultos. O rótulo arrastado ao longo da história da escola ainda persiste nas mais variadas instituições e é cultivado em diferentes profissões. Para os alunos e alunas da EJA, errar traz à tona a trajetória de frustrações do passado que se arrastam no presente; o descaso da família, o deboche, as humilhações. Errar vai além da atividade em si!

Construído em representações sociais, o erro é carregado de emoções implícitas: seja para quem erra, seja para quem tem de lidar com o erro do outro. Temos a pretensão de distinguir o que é certo ou errado no outro, e não sabemos, por muitas vezes, lidar com situações que vão de encontro ao o que achamos ser “a verdade”. No caso da escola, como uma norma pré-estabelecida nos induz a dizermos o que seja certo ou errado, quem não cumpre essa norma estará equivocado mesmo que seu equívoco seja parte de um processo de aprendizagem.

Quando olhamos para nossos alunos com aspectos ao conviver cultural, ampliamos nossas possibilidades de lidar com o erro. Se entendermos que o aluno x apaga sua escrita equivocada, não por desrespeito ao o que é pedido pelo professor, mas por emoções que são fortes em sua trajetória de vida, criamos maneiras e situações benéficas de desmistificação do errar como algo negativo, e trazemos com mais facilidade – até mesmo em exercícios – a concepção de erro como parte do processo de aprendizagem: valorizamos cada saber novo, cada descoberta, cada olhar de satisfação que transpõe qualquer sentimento de vergonha e dúvida. Mais que isso: supera, ao longo do processo, o mito do fracasso [erro].

Uma situação que serve como exemplo ao o que foi dito até aqui é o caso da aluna da T1Luciana. Quando a estagiária ia até a sua classe, dizia: “Lu, tu apagaste tua escrita!” Ela largava um sorriso acompanhado de uma gargalhada cativante. “Pois é, professora!” – dizia ela.

Aos poucos se foi desconstruindo essa ideia de erro como algo mau, feio, desimportante. Começando com uma brincadeira onde se dizia que a primeira coluna deveria ser escrita à caneta. “Mas, por que, professora?” - comentavam eles com um sorrisinho de canto de boca. Era dito em tom de brincadeira “minhas crianças são teimosas”, a caneta não dá para apagar, né? Com muito humor, se foi construindo uma prática de reconhecimento da sua escrita e seu processo de aprendizagem. No início era dito: “O ditado é de vocês! Ninguém vai olhar! É para vocês perceberem sua escrita!” Contudo, ao longo da prática e dos laços afetivos de segurança e respeito, o erro foi fazendo parte do processo e não era mais vergonha. Agora eles tinham orgulho: “No outro eu troquei várias letras! Agora troque bem pouquinho!” – dizia a Luciana e a Marilete. “Não acredito que eu esqueci essa letra! Eu já sabia no outro ditado!” – dizia a Dina e a Maria de Lourdes. “Bah, eu achei que eu não ia conseguir, professora! Acertei mas da metade! – diz, contente, o Arizoli. Todos da mesma turma de Luciana.

O respeito pelo o outro e por seu processo, o incentivo, o reconhecimento e o apoio por parte da professora e dos colegas, transformou o *conhecer – viver, criou/recriou* aquele espaço de convivência e a maneira de se perceber dentro dele. No livro *Emoções e Linguagem na Educação e na Política* Maturana diz que:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. (Maturana, 2002)

Com esta afirmação, que vai ao encontro do meu pensar docente, é que tomo a posição de observadora obstinada quanto às representações que emergem nas relações vivenciais e experienciais da história de vida de cada um e quais as possíveis interferências desse conviver para as aprendizagens. Afirmando que no ditado, essas representações – antes obstáculos – são desconstruídas e reconstruídas com participação de todos os autores dessa tal história de ensino/aprendizagem.

Outra situação que demonstra a construção/reconstrução do ambientes relações acontece nas palavras da professora estagiária Margarida onde ela cita que seus alunos inicialmente tinham receio de fazer perguntas que, talvez, não achassem – na visão deles – “correta”, ou por medo da reprovação e julgamento de

todos. Ela diz: *“No início os alunos não queriam ler em voz alta, mas aos poucos foram perdendo a vergonha e todos do seu jeito e com suas limitações leram em voz alta”*. No início! As relações que se dão na convivência do dia a dia podem estreitar laços de afeto e confiança, como podem afastar os conviventes dificultando a desmistificação do erro, por exemplo, tão presente nas salas de aula. Ela continua: *“Aos poucos foram trazendo perguntas sobre o seu dia a dia, como seus direitos trabalhistas, sobre profissões, [...]”*. Esse diálogo que traz a vivência/experiência de cada um amplia as possibilidades de novos conceitos, novas ideias, e, muitas vezes, contribui para a desmistificação, também, das representações que os sujeitos da EJA trazem para sala de aula e que são entraves ao seu aprendizado.

A Margarida, atenta às especificidades de seus alunos, trazia respostas aos questionamentos de todos acompanhadas de conteúdos escolares; atenção às regras da alfabetização, mas não só isso, atenção aos saberes necessários à cidadania, ao respeito pelo outro e por si. Em seu relato ela conta que trabalhou com a Cartilha do Trabalhador [inquietação de muitos!]; jornais locais; imagens marcantes para eles; enfim, com isso a estagiária conseguiu estreitar laços de afeto na convivência e conquistar a confiança de seus alunos, o que gerou a aceitação do erro [ou medo] do outro como parte daquele ambiente de relações. Repito: *O respeito pelo o outro e por seu processo, o incentivo, o reconhecimento e o apoio por parte da professora e dos colegas, transformou o conhecer – viver, criou/recriou aquele espaço de convivência e a maneira de se perceber dentro dele.*

5.2 MINHA CARA DIZ QUEM EU SOU?

Para esta atividade, a professora estagiária Ametista escolheu escrever “cara”. A intenção é relatar as vivências do estágio com sentimentos, com verdade: *“quero que quem leia sinta, viva aqueles momentos”* – escreve ela. Por isso, é cara mesmo, e não face, rosto... Cara no sentido além do simples corpo material: é expressão, sentires, dores, vivências/experiências.



"Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra. Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida a minha face?"

Cecília Meireles(1935)

Foi proposta aos alunos atividades que sugeriam que eles dessem características pontuais para um alguém cuja imagem estava retratada na folha de atividades. Foram escolhidas personalidades conhecidas, mas não tão conhecidas fora de suas imagens históricas habituais.

5.2.1 As representações

Alberto Santos Dumont, fora de sua foto clássica de chapéu e bigode, na outra foto apresentada aos alunos, era apenas alguém de terno, gravata e bigode [sem chapéu]. Recebeu, pela Cilene, o nome de Rodolfo, um homem de 38 anos, de São Paulo, solteiro, pai de dois filhos, advogado, sério, com um grande sonho: conhecer todos os estados do Brasil.



Observação: “Cilene, ele é solteiro, como é que vai ter filhos?” – representações e construções sociais. Estigmas que quando alimentados sugerem preconceito contra aqueles que infringem as regras. Cilene, por sua vez, responde: “Até parece que precisa estar casado para fazer filhos” – entre risos.



Anita Garibaldi recebeu o nome de Rita, mulher de 29 anos, natural de Rosário, e que reside hoje em Viamão; casada, três filhos – Rosa, Roberto e Camila; professora com o sonho de conhecer o Brasil e personalidade alegre e pensativa. Bonita e de cabelo bonito, segundo características descritas pela Maria de Lourdes. Diferente das características atribuídas a ela pela Luciana. Ela diz que Anita se chama Lusinaga - não soube explicar o porquê do nome [E por que tem de ter o porquê, né?]; mulher de 41 anos [escrito 401 – erro ou processo de aprendizagem?!], natural de Porto Alegre, casada com Jerse e com 12 filhos. É dona de casa, e sonha em ser feliz. Personalidade: diricagona! Muitos risos! A Luciana não lembrou o que tentou escrever, mas presenteou a todos com uma bela gargalhada daquelas que só ela sabe dar.

Mário Quintana, aos olhos de Maria Leopoldina, se chama João, é alegre e tem 90 anos. É natural de Porto Alegre, aposentado, solteiro, sem filhos. [*Qualquer semelhança é mera consciência!*].



Já Anita Malfati, descrita pela Maria dos Santos, se chama Joana, tem 72 anos, e de Porto Alegre, casada e com uma filha – Adriana. Dona de casa, tem como seu maior sonho é aprender a fazer tricô. “Quem é que tem como maior sonho aprender a fazer tricô, Dona Maria?” – diz a Dina entre risos. “Mas, por que não”, Dona Maria retruca. Entre risos na sala, a professora interveio dizendo que era um dos seus sonhos, mas que me faltava jeito. Outros disseram que queriam aprender também! “Queria ver a senhora fazendo tricô, professora” – debocha a Eliza. Muitos risos! Elisete tem uma ideia diferente acerca das características de Anita. Ela acha que seu nome é Maria, que tem 70 anos, casada, com três filhos: Carlos, Paulo e Ana. Diz que ela é professora, que sonha em conhecer Brasília.

Adoniran Barbosa foi descrito por Arizoli e Marilete [que dizia jurar que conhecia aquele homem de algum lugar]. Para o primeiro, o artista se chamava Davi, tinha 58 anos, era natural de Julho de Castilhos e morava em Alegrete. Solteiro, tinha 3 filhos: Ademir, Eliane e Arizoli. Não tinha mais ocupação nem sonhos, pois já havia falecido. Contudo, na foto sua personalidade se mostrava alegre. Diferente da segunda, Marilete afirma que seu nome é Paulo e que tem 65 anos. E natural de Porto Alegre, mas está morando em Gravataí. É casado com Maria e tem dois filhos, Ricardo e Fátima. Sua ocupação era artista [fato que ela persistiu em manter, pois sabia que o conhecia de algum lugar]; seu maior sonho era ser político. Sua personalidade era alegre e tranquila. Segue um exemplo da atividade:



	NOME: <u>PAULO</u> IDADE: <u>65</u> ANIVERSÁRIO: <u>MARÇO</u> CIDADE NATAL: <u>PORTO ALEGRE</u> CIDADE QUE MORA: <u>GRAVATAÍ</u> ESTADO CIVIL: <u>CASADO</u> Nome: <u>MARIA</u> FILHOS: <u>2</u> Nomes: <u>RICARDO & FATIMA</u>
	OCUPAÇÃO: <u>ARTISTA</u> MAIOR SONHO: <u>SER POLÍTICO</u>
	PERSONALIDADE: <u>ALFRE TRANQUILO</u>
	Seu nome: <u>Marilete</u>

	NOME: <u>DAVI</u> IDADE: <u>58</u> ANIVERSÁRIO: <u>FEVEREIRO</u> CIDADE NATAL: <u>Zulba de castilha</u> CIDADE QUE MORA: <u>Alegrete</u> ESTADO CIVIL: <u>solteiro</u> Nome: _____ FILHOS: <u>2</u> Nomes: <u>Ademir Eliamir Arigali</u>
	OCUPAÇÃO: <u>plata</u> MAIOR SONHO: <u>ele falso</u>
	PERSONALIDADE: <u>aluno</u>
	Seu nome: <u>Arigali</u>

Ao transcorrer da atividade, depois de cada um ler o seu personagem, foi apresentada a verdadeira identidade daquelas pessoas. Muitas caras e falas de espanto surgiram! E, era perguntado: vocês sabem quem é o fulano? O que eles faziam? A maioria sabia, exceto quanto à Anita Malfati. Anita Garibaldi remeteu à Casa das Sete Mulheres, seriado apresentado pela Globo. Foi questionado quantos aos porquês de terem escolhido aqueles atributos para aquelas pessoas. Cita-se: “Disse que ele era advogado porque ele estava de terno e porque estava sério”, comentário da Cilene quanto ao Santos Dumont; “Ela tem cara de professora porque parece inteligente e está bem arrumada, com o cabelo bonito”, disse Maria de Lourdes em relação à Anita Garibaldi; “Eu coloquei que ele era artista porque eu sabia que era, só não lembrava quem ele era. Mas, daí disse que ele queria ser político porque ele tem uma cara de safado”, comenta a Marilete com um ar de riso.

Muitos estereótipos foram afirmados nessa atividade. Muitos rótulos que foram através do temposendo legitimados pela sociedade se fez presente na escrita e na fala dos alunos. Dizer que advogados usam terno e são sérios, ou a professora por ser inteligente que legitima a ideia do professor como detentor de todo o saber e transmissor de conhecimento; ainda, político porque tem cara de safado.



Em pesquisa na Wikipédia:

“Estereótipo é a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação. São usados principalmente para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade. Sua aceitação é ampla e culturalmente difundida no ocidente[carece de fontes], sendo um grande motivador de preconceitos e discriminação.” (acesso, 16 de novembro de 2013).

Afirmo a reflexão quanto às representações na educação e o desafio de desconstruir representações de alunos da EJA que trazem consigo uma ideia de escolarização arraigada em suas vivências/experiências e arrastam a sua representação de fracasso, não só escolar, mas profissional, familiar, pessoal. Entender-se como “burro” ou impossibilitado de aprender é uma construção social que vem à sala de aula junto com o aluno e a aluna da Educação de Jovens e Adultos. Cabe ao professor/observador ficar atento às especificidades do humano e desconstruir/reconstruir essas relações e espaços do aprender/conviver.

Em um artigo intitulado “*Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana*”⁹ a autora traz que:

[...] para Maturana, segundo Méndez Gonzáles, é a emoção [que] coloca o organismo em interação(1993, p. 22), isso leva a pensar que, para modificar essa situação, haveria que se modificar as representações sociais desses sujeitos, e, como estas são fundadas numa valorização afetiva, haveria também que se alterar, segundo Maturana (1997), o emocionar dos sujeitos, de modo a promover uma mudança em seu domínio de ação. (Bôas, 2004).

Somos seres sociais! Muitos aspectos dessa afirmação se fazem presentes na tentativa de se conceituar as *representações sociais*: dada a sua complexidade. Em suma, para este trabalho, serão consideradas as abordagens trazidas por Humberto Maturana quanto à construção e reconstrução dos

⁹Artigo de: Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fundação Carlos Chagas. Acessado em: 16 de novembro de 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752004000200008&script=sci_arttext.

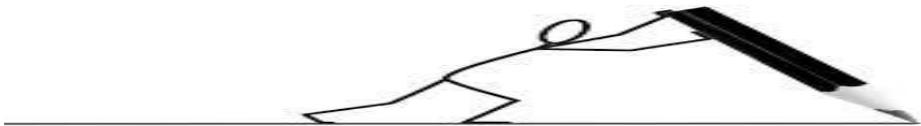
ambientes/relações que se dá na convivência cultural e que se caracteriza como social de fundada no amor – aqui entendido como *a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência*. Com essa afirmação, vimos na atividade descrita anteriormente, que muitos estereótipos foram surgindo de como as pessoas que ocupam determinadas posições devem se portar e se vestir – aparentar; ainda, como esses estereótipos pesam aos educandos na condição de alunos da Educação de Jovens e Adultos, e o quanto esses estereótipos podem [e devem] ser trabalhados na convivência em sala de aula – não como norma do que seja certo ou errado -, mas como facilitador das percepções de si mesmos como sujeitos produtores das suas histórias e aprendizagens. Indo ao encontro das afirmações feitas, Maturana em seu livro *Habitar Humano*, na página 89, traz que:

[...] nosso conhecer passa a ser nosso operar adequado na realização e conservação de nosso viver enquanto geramos com nosso viver os distintos mundos ou domínios cognitivos que vivemos, sendo nós geradores desses mundos e ao mesmo tempo parte deles em nosso viver.

5.3 A ESCRITA DE MIM

“Toda a arte é autobiográfica, a pérola é a autobiografia da ostra.”
Federico Fellini

5.3.1 Emoções: Minhas Marcas



Quando falamos em autobiografia logo nos vêm a ideia de contar ou escrever a nossa própria história. Segundo o conceito trazido no site da InfoEscola¹⁰: “*A autobiografia é um gênero literário que existe desde muito tempo e continua bastante presente na atualidade. É um fenômeno atemporal e mundial, que pode ser inteiramente literal ou possuir ingredientes ficcionais*”. No mesmo site, são apresentados dois exemplos conhecidos do público em geral, como: “O precursor [...] Santo Agostinho, durante a Idade Média, com *Confessiones* (Confissões)”. E,

¹⁰ Disponível em: <http://www.infoescola.com/generos-literarios/autobiografia/>. Acessado em 15 de outubro de 2013

também “grandes obras autobiográficas conhecidas mundialmente, como por exemplo, *Diário de Anne Frank*”. Com esse conceito e com os exemplos apresentados conseguimos perceber algumas características de uma escrita autobiográfica. Mas o que pensar dessa modalidade de escrita na Educação de Jovens e Adultos. Além das características peculiares de tal modalidade, o que mais existe em comum e que se torna evidente nas percepções do leitor? As emoções!

Já com a ideia constituída de que o trabalho com a autobiografia seria um *trabalho de impacto*, como escreve a estagiária Rosa em seu Relatório de Estágio, ela só conseguiu perceber a dimensão de seu trabalho quando teve em mãos o primeiro resumo das histórias de seus alunos. Ela diz:

Diante dessa situação é que compreendi: o que eu havia idealizandoera um mundo surreal, pois eu acreditava que fossemos estudar e explorar histórias de superações, com momentos difíceis, mas já vencidos. Contudo, nas primeiras escritas, algumas acompanhadas de lágrimas, pude ver o quanto havia desencanaixei nas histórias narradas, momentos muito difíceis que ainda não haviam sido superados, mas que ao contrário precisariam ser pensados. Li e ouvi relatos de sujeitos que viveram ou ainda vivem momentos que não desejam recordar ou que preferem resguardar.

Diante de tamanho impacto, como dar sequencia e conduzir as atividades depois de uma enxurrada de sentimentos transbordando pelo papel? Como não se deixar envolver por aquelas histórias, ou como abordar assuntos, às vezes, fortes e polêmicos? Assim são marcadas as histórias de vida!

Longe de ser simples, a autobiografia mexe com diferentes percepções que temos e fazemos ao longo da vida e que tomam significado no espaço/tempo. “*Li e reli algumas vezes, cada escrita, cada frase, procurando interpretar os sentimentos que eram colocados naquelas palavras*”, conta a professora Rosa. Tentando valorizar cada narrativa e cada sentimento transcrito no papel, a estagiária se defronta com suas próprias emoções, com seu próprio fazer docente que não é nulo, raso, vazio e, sim, traz toda a carga de experiências e vivências ao longo da vida e da trajetória acadêmica.

Para Maturana, “*o que conotamos quando falamos de emoções são diferentes domínios de ações possíveis nas pessoas [...], e as distintas disposições corporais que os constituem e realizam*”. O que marca a experiência do *estar docentere* refletido em trocas mútuas de narrativas que expressam profundamente as emoções, muitas vezes, guardadas ou esquecidas? O que muda nesta relação/convivência dos

alunos e alunas com eles próprios, e os alunos e alunas com a professora estagiária? Quais os laços que se estreitam ou se defrontam com a narrativa do outro que parece tão igual a minha, e, ao mesmo tempo, me coloca tão distante para observar de outro ângulo? Sabemos no dia a dia, que nossas emoções são constituintes de nossas ações – como também afirma o professor chileno -, contudo, negamos essa condição e criamos diferentes representações sócias para justificar esse ou aquele comportamento. Quando dizemos “aluno problema”, “aluno fracasso”, estamos afirmando uma condição que criamos para rotular as diferentes ações trazidas pelo indivíduo. Ao contar a minha história, minha vida, primeiro, trago à tona, em forma de contação, todas as emoções envolvidas em meu olhar acerca do que vivi/experenciei. Invento falas e gestos, deixo que o meu sentimento dê força a minha narrativa e transbordo minha emoção. Escuto, então, a história do outro, e tomo outro olhar, outro ponto de vista, outra dimensão. Ele, por sua vez, também rebuscará sua narrativa com a intensidade de suas emoções e me convencerá de sua dor – tão parecida com a minha, por vezes. E agora? Para Josso, *“A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas [...] sobre a narração decada participante, permite que as pessoas [...] saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar”*. Escutar o outro; mover-se para outra posição; compreender-se idêntico nas relações de convivência, nos medos; desbloquear-se frente às dúvidas e rótulos carregados por sua existência...Tal é a dimensão de uma autobiografia. *Impactante!*- Com razão afirma Rosa.

5.4 AS FOGUEIRAS: MEU BRILHO



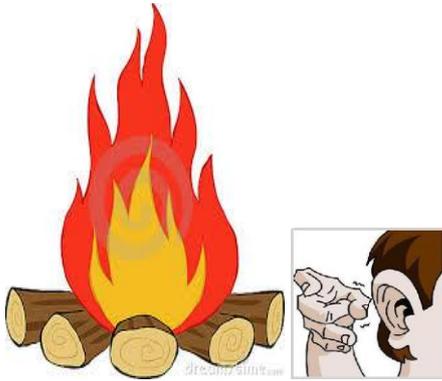
Na atividade realizada com o poema de Eduardo Galeano “O mundo” onde é apresentada a metáfora de pessoas como sendo fogueiras, a professora estagiária Rosa sugere a leitura e a interpretação do texto, logo, uma produção textual onde os alunos escrevem sobre os tipos de fogueiras que imaginam que são e como os outros os vêem: *“Nessa produção foi permitido a cada um do grupo a reflexão sobre si mesmo, um olhar mais intenso sobre de que forma compreendiam a própria existência, seu “brilho” e que impacto isso tinha na vida dos que lhes cercavam”* – diz a professora.

Para Josso, a escrita da narrativa da sua própria história possibilita uma auto-escuta, como se estivesse contando uma história para si mesmo: experiências, aprendizagens, dores e alegrias, [...] *significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos e valores (JOSSO, 2004, p.40).*

As relações que se fundem entre as percepções de si próprio e da relação com os outros aparecem de forma explícita nas narrativas das histórias de vida. É com o olhar ao outro e com o distanciamento da situação é que podemos perceber as representações que se repetem quase que simbolicamente: com outras formas, com outras palavras. Nessa perspectiva, as projeções e representações que, mesmo que inconscientemente, impulsionam as pessoas a tomarem algumas posturas e se posicionarem frente ao seu “brilho” como sugere a atividade da fogueira, ou ainda, a postura frente à percepção do outro em relação a si, configuram a intensidade do trabalho docente frente ao tema, e denota a condição humana de aprendizes – professora e alunos – com suas marcas que interferem diretamente no *estar estagiária, estar aluno ou aluna*. Josso diz: “*A construção do ser professor inicia antes de nos inserirmos num processo formal de ensino, temos representações do que seja um professor, uma escola, uma aula e, essas imagens compõem os saberes que serão utilizados na atuação profissional. (p.262)*”. Para Rosa as projeções e as representações da posição docente ocupada naquele momento vieram acompanhadas de toda sua história, suas marcas, e impulsionaram a sua postura frente à demanda da sala de aula. Ela conta:

Esse período do estágio sem dúvida foi um dos momentos mais importantes e marcantes na minha caminhada acadêmica, por várias vezes me senti insegura e com muitas dúvidas que me cercavam, contudo foram esses sentimentos que contribuíram para que eu descobrisse um mecanismo “poderoso”, que o professor deve desenvolver em si e causar no outro: “o ato de refletir”, ou seja, pensar sobre sua prática pedagógica e buscar formas e maneiras de desenvolver um ensino de qualidade que realmente resulte em aprendizagens significativa para o aluno.

5.5 AS FOGUEIRAS: DIFERENTES?



A estagiária Jasmim também realizou uma atividade com o poema de Eduardo Galeano “O mundo” onde é apresentada a metáfora de pessoas como sendo fogueiras. Contudo, os seus alunos apresentam uma peculiaridade diferente dos alunos da colega: são surdos.

O texto, nessa atividade, foi apresentado em forma de slides: *“Com muitas imagens, explorando-as para que os alunos pudessem descrever o que estavam observando, vendo”* – descreve Jasmim. Ela ainda conta da dificuldade dos alunos quanto a interpretar a ideia das fogueiras como pessoas, *a ideia é fugir do concreto e ir para o âmbito do abstrato*. Muitos materiais foram utilizados para auxiliar na compreensão da história, inclusive a estagiária recontou a história explorando as imagens, com o objetivo de que os seus alunos surdos se identificassem como contadores de histórias.

A professora conta que em outras atividades não explorou tanto as possibilidades e que nessa foi diferente: *“me detive nos detalhes, nas explicações, nas explorações vocabulares, no contar e recontar, no possuir um interlocutor”*. Com esse intenso aproveitamento das possibilidades de atividades e aprendizados emergentes do texto das fogueiras de Galeano, a turma retribuiu: *desenvolverem uma narrativa em libras através do auxílio de desenhos, alguns foram além do que estava nos cartazes (realizar abstração), apresentar sinais coerentes na composição da história com elementos pessoais e aquisição de vocabulário na língua de sinais e em português escrito*. Nessa perspectiva de aproximação do conteúdo, com as relações e com as experiências de cada um é que entendemos a importância das aprendizagens que se constituem nesses espaços de convivência.

Jasmim – com seu olhar atento aos seus alunos - observou possibilidades de ampliar a exploração do material e se apropriar das experiências de seus alunos para contribuir no processo de aprendizagem, bem como, do processo de reconhecimento dos alunos como contadores de histórias, como produtores dos seus aprendizados. Ela conta que percebeu que *o estabelecimento de vários*

conceitos, vivências, conhecimentos, é o que permite o aluno a avançar, sair de uma zona onde já está adquirido um certo conhecimento e passa a partir dessa construção gerar novos pensamentos, novas relações. Aqui, mais uma vez percebemos a importância de considerar nossas vivências/experiências e a importância de autoeducar-se para a construção dos ambientes/relações. É mais que um simples viver, é experiencial, e que nos conduz ao ensinar/aprender conforme nós conduzimos o viver/experimentar. Segundo Maturana (2009), somos geradores dos mundos que vivemos e que evocamos [...] com nosso conviver. Nessa perspectiva, os alunos surdos e a professora criam um laço de trocas experienciais capazes de entrelaçar as experiências de cada um [inclusive da professora] com o novo aprendizado e com isso construir uma relação/ambiente capaz de transformar representações de “diferenças” entre as pessoas e aceitação do outro, como também de si mesmo. Também, considerar emoções emergentes dessas representações e torná-la “conteúdo” de sala de aula, possibilitando mais uma vez a construção dos ambientes/relações. Como já foi apresentado nesse trabalho, Maturana (1998) dizem quanto a *conhecer - viver*, e o modo de relacionar-se e de organizar-se numa relação. Não se trata de somente se adaptar ao ambiente, mas de criar /recriar esse espaço de convivência.

5.6 ENSINEI? SIM! APRENDI?! MUITO!



“Na convivência, o tempo não importa. Se for um minuto, uma hora, uma vida. O que importa é o que ficou deste minuto, desta hora, desta vida.”

Mario Quintana

5.6.1 Docente, eu?

Em seus relatos, a estagiária Beladona conta de suas incertezas e inseguranças em relação ao curso de Pedagogia e sua carreira docente. Docente, eu? Suas representações, seus sentires, suas indagações fizeram com que ela aprofundasse o assunto da escolha da carreira docente [mais especificamente do curso de Pedagogia] em seus estudos de conclusão do curso.

No relatório, sua experiência como estagiária é anunciada como uma conquista e um grande aprendizado. Com o conceito trazido por Maturana e já observado nesse trabalho, o emocionar que impulsiona nossas ações não é estático e é conduzido pelas diferentes emoções que surgem de diferentes conviveres. Trago novamente o conceito de emoções trazido por Maturana para lembrar ao leitor desse trabalho *“são disposições corporais que especificam domínios de ação”*. Assim, se torna importante observar o espaço relacional experienciado pela aprendiz de professora; observar *“a mudança das conversações que surgem das modificações do emocionar, bem como as circunstâncias que, em cada caso, dão origem a novo emocionares e os estabilizam”* [MATURANA, 2009]; sua posição de estagiária ocupada naqueles momentos amalgamadas com seus anseios frente a carreira docente: o emocionar e suas revelações.

Com as palavras de Beladona, surge um desabafo: *Ensinei? Sim! Aprendi?! Muito. Experienciei momentos únicos. Como é ser professora de pessoas mais velhas, com bagagens de diferentes pesos. Aprendi a ouvir mais, ter mais paciência, seja na sala de aula ou fora, afinal, o que aconteceu lá refletiu cada aprendizado meu como, além de docente, pessoa em constante processo de formação, crescimento, aprimoramento e evolução*. Como em outros relatos nos documentos analisados, a estagiária traz na sua trajetória todas as suas vivências/experiências e toma, aqui, o seu aprendizado para a vida que vai além das perspectivas profissionais e revela os sentires do conviver/emocionar que impulsiona ações e aprendizado.

Trazendo projeções e representações do ser professora ela analisa sua postura frente à turma quando diz: *“Sem perder a posição de professora, consegui criar vínculos afetivos com os alunos: ler cada recado ao final dos trabalhos me fazia sorrir e repensar muitas atitudes tomadas”*. Posição de professora?! Representações que conotamos quando falamos de certas atitudes ou posturas frente à posição ocupada naquele instante. Vínculos afetivos: conviveres que despertam nos aprendizados. Ela continua: *“Conversamos por muitas vezes de forma descontraída sobre os mais inusitados assuntos, em sala de aula ou fora dela, isso também faz parte do processo de formação de sujeitos críticos”*.

Para Maturana, o conceito de social somente se dá no amor que segundo ele é a aceitação do outro como legítimo outro na convivência. Para a estagiária que em meio aos seus anseios se deixa envolver pela relação de afeto e convivência com

seus alunos e aceitação do outro nessas relações, os momentos de troca de sentires se faz significativo, assim como, o entendimento de formação de sujeitos críticos que também se dá na troca de experiências através da linguagem como nas experiências sensoriais do toque no ombro, no olhar atento, no sorriso receptivo. A estagiária deixa vir à tona o seu sentir frente ao momento que se fez e dos conviveres que marcaram sua trajetória em quanto aprendiz docente: *“Demos risadas juntos, tivemos que respirar mais fundo, começar, recomeçar, tentar. Nos emocionamos com histórias de vida, com a realidade. Deixei marcas neles assim como eles deixaram em mim”*. Como já citei nesse trabalho, *as emoções implicadas nas relações de convivências são reflexos dos nossos muitos habitares, dos nossos pontos de vista, das nossas vivências/experiências, dos nossos sentires*, as relações de convivências que se fizeram na experiência da estagia parte de sua representação de o que é ser professora, mas, ao mesmo tempo, e ao longo de seu estar docente, revelam a frustração da aula que não deu tão certo, do tempo que faltou ou sobrou, do imprevisto, mas, principalmente, a significação e reconhecimento das relações que se fazem no ensino/aprendizagem e que toma uma via demão dupla:

Vi muitas vitórias alcançadas por eles com a ajuda das minhas intervenções e, da mesma forma, os desafios aos quais eles me colocavam a frente, me fizeram crescer muito como pessoa e como docente. Essas experiências nunca se apagam, sempre contam como aprendizado. Deixarão saudades e marcaram minha história.

5.7 GERAÇÕES BABY BOOMERS, X E Y: O CONVIVER E AS EMOÇÕES



Muitos conflitos surgem no conviver humano! Quando entendemos que as emoções são *classes de condutas relacionais que especificam a cada instante do viver de um ser vivo o espaço relacional em que este se move* [MATURNANA, 2009] compreendemos que nossas ações estão não somente implicadas em nós mesmos, mas também, nas ações daqueles que estão presentes na nossa convivência.

As estagiárias Iris e Tulipa realizaram o estágio de docência em EJA juntas. Iris conta que sua turma de Educação de Jovens e Adultos contava com alunos a partir de quinze anos de idade até os sessenta e seis. Ela traz em seu Relatório de Estágio que a diferença de idade por muitos momentos causou fortes conflitos. Ela diz: *“os mais velhos se sentem ofendidos com comentários dos colegas mais novos”*. Um conviver que não *aceita o outro como legítimo outro na convivência*, causa agressões gratuitas, e, principalmente, competição. Para Maturana, a competição *não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro. A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. [...]*. Os mais jovens e os mais velhos se sentiam ameaçados uns pelos outros e disputavam o espaço de convivência e o “poder” representativo das instituições de ensino: o conhecimento.

Iris conta que os alunos mais jovens *“se consideram mais “inteligentes” que os mais velhos sendo essa a causa mais frequente de indisposições entre eles”*. Para Tulipa, foi de suma importância dialogar acerca das relações que foram geradas em sua turma de estágio. Ela diz: *“[...] percebíamos que a turma possuía algumas características como, por exemplo, o individualismo. Isso se reflete nas relações sociais que os alunos têm com os colegas”*. Maturana afirma que *“as interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência”*. Para lembrar ao leitor, a denotação de amor – para este trabalho – toma um conceito específico onde se entende que *amar é o domínio das condutas relacionais. É a aceitação do outro como legítimo outro na convivência*. Assim, o que observamos na fala das professoras, em primeira análise, são conflitos geracionais de negação do outro que geram condutas de agressão e competição – como dito anteriormente. Para o professor chileno:

[...] o que distinguimos como amar em nosso âmbito humano é um conviver sem preconceitos, sem opiniões, sem exigências e sem expectativas que distorcem a convivência, gerando cegueiras que negam o outro ou a si mesmo a possibilidade de ser visto em sua legitimidade, sem ter que justificar sua existência [...]. MATURANA, 2009.

Dialogando sucintamente com conceitos de Geração Baby boomers, Geração X e Geração Y, abordados por muitos estudiosos, trago o que significa cada uma

para termos uma compreensão maior das análises feitas na abordagem do conflito de gerações - este presente no relatório de estágio de uma das estagiárias.

GERAÇÕES¹¹		
BABY BOOMERS	X	Y
Nascidos entre 1940 a 1960	Nascidos entre 1960 a 1980	Nascidos entre 1980 a 2000
Nasceram no fim ou após a Segunda Guerra Mundial e foram educados com muita rigidez e disciplina	Presenciaram fatos históricos importantes. Foram marcados por movimentos revolucionários	Nasceram em um período de prosperidade econômica e acompanharam a revolução tecnológica
Têm dificuldade de lidar com a perda de status e poder	Teme ser demitidos ou perder espaço para a geração y	Impulsivos, enfrentam sem medo posições de poder
São competitivos e focam em resultados	São muito comprometidos com os objetivos	São fascinados por desafios e querem fazer tudo a sua maneira
Acreditam que liderar é o mesmo que comandar e controlar	Costumam valorizar competências quando assumem a liderança	Odeiam burocracias, controle e atividade rotineira

Sem nos estendermos muito nos conceitos aqui apresentados - pois não é o objetivo desse trabalho - foi apresentado um breve quadro com algumas considerações que identificam cada geração. A intenção é problematizar a diferença que há entre as pessoas que toma ações singulares e simbolicamente iguais através das representações que adquirimos ao longo da nossa trajetória de vida no nosso conviver cultural.

A Geração y, entendida como os alunos de 15 anos da turma de EJA – relato desse trabalho – têm dificuldades em entender as ações, emoções e representações trazidas por seus colegas das Gerações Baby boomers ou X. Assim, as outras gerações também, por sua vez, não aceitam as atitudes dos mais jovens, muitas vezes até, tomando como mau grado ou agressão.

¹¹Fonte: <http://www.sbcoaching.com.br/blog/comportamento/infografico-conflitos-de-geracoes/>

Se achar mais inteligente porque aprende mais rápido – característica dos mais jovens – além de trazer questões culturais, traz informações acerca da biologia humana, caso que não será estudado nesse trabalho.

O que se torna pertinente para avaliarmos são os desdobramentos existentes na convivência de gerações tão diferentes, mas que ao mesmo tempo, são moldadas umas pelas outras de alguma forma, pois a educação familiar da Geração Y vem da X e, muitas vezes, até da Baby boomers. Assim, temos também estas últimas conhecendo as tecnologias e novas formas de operar humanas através da Geração Y. Maturana traz em seu livro *Habitar Humano: seis ensaios da Biologia Cultural* [2009] o conceito de recursão. Ele diz:

[...] uma recursão é a repetição de um processo circular que um observador vê acoplado a um fenômeno histórico de maneira tal que ele ou ela pode sustentar que, no fluxo histórico desse fenômeno, essa repetição tem como resultado a reaplicação desse processo às conseqüências de suas ocorrências prévias. [...] MATURANA, 2009.

Mas, o que podemos fazer – como professoras - quando temos esses conflitos tão fortes nas relações/ambiente em sala de aula?

Conhecer o viver humano já é bom começo para não nos perdermos na análise de mérito de qual geração é a “certa” ou qual comportamento é o mais adequado. Entendermos que somos moldados pelo espaço/tempo, pela cultura, pelo social também é um bom princípio para se tornar atento às peculiaridades da convivência humana.

O professor chileno traz conceitos específicos como *linguajar* [MATURANA, 1978]. A esse conceito ele diz: “*aquilo que constitui a linguagem como fenômeno biológico relacional é a coexistência de interações recorrentes [...]*”. Notem: a linguagem não toma sentido apenas biológico. Diz o autor: “[...] *Reconheço também que a linguagem não se dá no corpo como um conjunto de regras, mas sim no fluir em coordenações consensuais de condutas*”. Esse fluir se dá na convivência! Ainda, falamos de emoções como domínio de ações, tipos de comportamentos. Nas nossas relações fluímos de um tipo de comportamento a outro que amalgamado com o *linguajar* recebe o conceito que o autor chama de *conversar*. Ele sustenta que *todo viver humano acontece em redes de conversação*.

Essa breve explicação de conceitos vem corroborar com a defesa de se incentivar o diálogo entre as gerações e oportunizar momentos de convivência em que sejam possíveis trocas relacionais de vivências/experiências. Essas oportunidades devem ser sensivelmente pensadas, pois como já percebemos, as gerações carregam as suas representações que se chocam no conviver. Repito: *é a emoção que define a ação*. Portanto, a valorização do melhor de cada geração e a busca de pontos comuns seria um facilitador na aproximação dessas gerações e no aprendizado que se faz possível nessa convivência.

Para finalizar essa análise, deixo as palavras da estagiária quando ela diz: *“No início do semestre [...] percebemos que nossos alunos eram muito introvertidos, tímidos, individualistas, inseguros. Mas tinham um grande desejo em aprender e chegavam com grande entusiasmo nas aulas. Ainda: “Considero que a socialização é fundamental para a construção da aprendizagem e desenvolvimento humano, sendo que desde o nascimento, somos dependentes uns dos outros”*”.

6. CONFISSÕES FINAIS¹²

Confesso que selecionar um fim aos meus devaneios não está sendo tarefa fácil! Preciso organizar os resultados do que pesquisei! Pois bem...

Como ainda vivemos em uma sociedade patriarcal onde por muito tempo entendemos e legitimamos a separação dos seres racionais de seres emocionais – cita-se o homem como racional e a mulher como emocional, deixando bem claro a submissão da mulher ao homem: a submissão do emocional ao racional – criamos estereótipos arrastados durante gerações que marcam a existência dos seres sociais que somos: “homem não chora”; “mulher é sensível, doce e calma”. Confesso: isso a muito me incomoda!

Quando vamos pelo viés da convivência estamos no lugar das relações em determinado espaço/tempo. Este lugar do conviver pode ser criado/recriado a partir de mudanças de hábito, de comportamento; de afetividades. Para Maturana nossas relações são baseadas em nossas emoções: somos seres racionais/emocionais, e não uma coisa ou outra - insisto. Quando aceitamos – em decorrência do nosso viver cultural – que conseguimos ser ora racional, ora emocional, fragmentamos a existência humana e fragilizamos os seres ditos emocionais, pois são mais fracos para a nossa cultura aqueles que expressão suas emoções.

Com base em tais afirmações, digo que a pesquisa acerca da convivência humana se torna pertinente aos estudos do curso de Pedagogia [foco desse trabalho], visto que, a posição ocupada pelo professor ou professora é a de facilitador não só da aprendizagem, como também, das relações que vão sendo construídas ao longo da convivência escolar. Maturana (1998) diz que na formação de professores o central é que os trate do mesmo modo que se deseja que eles tratem seus alunos, e isso com um olhar reflexivo que permita a visão de suas emoções como espaço de capacitação onde cada indivíduo possa *reconhecer os seus erros, pedir desculpas e ampliar o olhar reflexivo* para assim também permitir que em suas relações com seus alunos o mesmo aconteça. Se nós entendemos que

¹²Expressão usada pela autora Ana Maria Machado em uma de suas obras.

a aprendizagem de conteúdos é um processo; por que não percebermos que os conviveres também são um processo, algo a ser construído?

Quando adentra o estágio docente, a acadêmica se percebe cheia de dúvidas e anseios comuns ao novo. As pressões oriundas das regras burocráticas de papéis e notas se perdem em meio ao devaneio emocional, existencial, experiencial que emerge da condição de ser humano cultural e histórico.

Com a crença de que em dados momentos podemos ser apenas racionais, pensamos no técnico e na “eficiência” e nos esquecemos do principal nessa relação: o conviver humano. Esse conviver, se observado, se torna contributivo também para a apreciação do técnico, e marca, por vezes, o entrelaçamento entre a vivência/experiência de cada um [todos os participantes do ambiente escolar] e as questões de conteúdo e regras. Esse viver/conviver é experiencial – como já mencionei. Como diz Maturana [2009]: “[...] *somos geradores dos mundos que vivemos e que evocamos [...] que surge com nosso conviver*. Ou seja, as relações/ambientes não se formam sozinhas e não são estáticas, nós, a todo o momento, em diferentes domínios de ação, estamos criando e recriando relações/ambientes que se legitimam como sociais se baseadas no amor - aqui compreendido como *aceitação do outro um legítimo outro na convivência*.

Nossa formação como futuras profissionais da educação, não começa no primeiro dia de aula e não se conclui no final do curso. Pelo contrário: ela não tem início e fim demarcados. O que somos ou seremos parte de todas as vivências/experiências que trazemos ao longo da nossa trajetória de vida: nossas dúvidas, nossos anseios, nossos dogmas, nossas ideologias; e não é estática, se renova, ou se transforma ao decorrer das nossas vivências. Mais: dos nossos conviveres! Nossa condição nata de aprendizes e seres amorosos se funda nas relações de convivência através da linguagem. “*O ser do ser humano é sistêmico, surge no conviver e se conserva no conviver*” – conceito da Biologia do Amor de Maturana. “*Somos Homo sapiens amans e permaneceremos como tal em nosso devir histórico somente enquanto vivamos como Homo sapiens amans entre Homo sapiens amans.*” (“*Formação Humana e Capacitação*, p. 168).¹³

¹³Contribuição transcrita e disponível em: 67 proposições de Humberto Maturana sobre a biologia do amor. http://www2.mp.pr.gov.br/cpca/telas/ca_igualdade_38_8_5_1_2.php. Acessado em: 17 de novembro de 2013.

Quando escolhemos a educação como objetivo profissional o fazemos porque trazemos vivências/experiências ao longo de nossas histórias de vida que são marcas definidoras de nossas escolhas. São argumentos que escolhemos como verdadeiros para justificarmos nossa escolha que emerge do nosso emocional – *disposições corporais dinâmicas que definem nossos domínios de ação*. A formação acadêmica está longe de ser apenas técnicas e regras de como proceder na profissão. Ela também se faz pelo aprendizado no conviver humano: que também se aprende! Rubem Alves (1999, p.65), sugere que nos cursos de formação de professores tivesse a disciplina de escutatória, pois, nós professores, sempre sabemos o que dizer, cheios de verdade, nossa opinião é sempre a certa, a melhor. Como diz o autor “nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos [...]”.

Ao pensar nos alunos da Educação de Jovens e Adultos sedentos de reconhecimento e de afeto, afirmo a convivência como constituída de emoções, e serão sociais se baseadas no amor “*emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência*”, como diz o professor chileno. Com base nessa afirmação, amplio meu entendimento acerca das relações de convivência *recorrentes* no amor, pois se fortalecem e se legitimam. Em meu estágio e na análise dos relatórios, como também, nos relatos das estagiárias, percebi que as relações que emergem da convivência em sala de aula e na escola refletem diretamente no andamento dos fazeres escolares; na execução das atividades; nos diálogos que contribuem para novos temas, novas discussões; enfim, nas aprendizagens, da professora e de seus alunos. As emoções emergentes das representações das vivências/experiências de cada um refletem diretamente em sala de aula e nas aprendizagens de todos.

Por fim, com a intencionalidade de contribuir aos muitos desdobramentos do Estágio de Docência em Educação de Jovens e Adultos, este trabalho trouxe vivências/experiências singulares de acadêmicas do Curso de Pedagogia mergulhadas na trajetória do estágio docente, e que se “fizeram” professoras observadoras e pesquisadoras, mas, acima de tudo, pessoas atentas ao conviver e

preocupadas com aqueles que fizeram parte dessa história, e como diz uma das estagiárias: *e que marcaram minha vida para sempre!*

Ainda: com a intenção de contribuir com as reflexões acerca da formação de professores deixo considerações sobre a importância da formação humana para profissionais cujo principal objeto [digamos assim] seja o conviver humano. Esta formação deve ir além das aprendizagens de conteúdos e habilidades e adentrar nas peculiaridades da formação do humano na perspectiva de crescer como humanidade: valores, conhecimentos, abertura ao diálogo,... *Aceitação do outro na convivência!* O oposto disso é o que vivemos: preconceitos, exclusão, individualismo, violências... Devemos escutar o outro e lhe dar o lugar de direito na relação de convivência sem que ele precise justificar sua existência ali.

Confesso... Que os muitos conviveres que me fizeram como eu sou hoje, que me transformam a cada experiência, e que orientam as minhas escolhas, são marcas profundas na minha formação acadêmica e pessoal. Aos que convivi, convivo e aos que gostaria de conviver, deixo o meu mais sincero agradecimento; e como reflexão, as palavras de Hannah Arendt:

A pluralidade humana, condição básica da acção e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si [...]. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da acção para se fazerem entender. [...]

Ser diferente não equivale a ser outro - ou seja, não equivale a possuir essa curiosa qualidade de alteridade, comum a tudo o que existe [...]. Só o homem, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de se comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa - como sede, fome, afecto, hostilidade ou medo. No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidades e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares.

Hannah Arendt, in 'A Condição Humana'

7. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Escutatória. In: Alves, Rubem. **O amor que ascende a lua**. Campinas: Papirus, 1999. P. 65-71.

ARENDDT, Hannah. A condição humana.

BÔAS, Lúcia Pintor Santiso Villas. *Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fundação Carlos Chagas. Acessado em: 16 de novembro de 2013. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141469752004000200008&script=sci_artt_ext.

DUARTE, Marina Richter. **Relatório de Estágio Obrigatório Docente em EJA**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

EVANGELISTA, Ketulen Dietz. **Relatório de Estágio Obrigatório Docente em EJA**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

FELLINI, Federico. Frase de Federico Fellini. Disponível em:

<http://kdfrases.com/frase/124228>.

GUEIRAL, Ana Figueiredo. **Relatório de Estágio Obrigatório Docente em EJA**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), set./dez. 2007.

_____, **O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores**. Título Original: Cheminer Vers Soi. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LIMAS, Scheyla Cristina da Silva. **Relatório de Estágio Obrigatório Docente em EJA**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

MACHADO, Joseane Haag. **Relatório de Estágio Obrigatório Docente em EJA**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

MADALENA, Débora da Silveira. **Relatório de Estágio Obrigatório Docente em EJA**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

MATURANA, R. Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998b.

MATURANA, R. Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. ***Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia***; tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. -- São Paulo: Pala Atenas, 2004.

MATURANA, HumbertoR; DÁVILA, Ximena Y. ***Habitar Humano: Em Seis Ensaios de Biologia-Cultural***. Tradução: Edson Araújo Cabral. São Paulo: Pala Athenas, 2009.

MEIRELES, C. Obra poética. Volume 4. Biblioteca luso-brasileira: Série brasileira. Companhia J. Aguilar Editora. 1958. p 10.

MÉNDEZ Gonzáles, J. E. ***Emoção como fundamento das interações humanas: um estudo a partir das obras de Humberto Maturana***. Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

MÚSICA: RUSSO, Renato. ***Perfeição***. In: O Descobrimento do Brasil. Faixa 4. Banda Legião Urbana. Gravadora EMI, 1993. Disponível em: <http://letras.mus.br/legiao-urbana/46967/>

O que é ser estagiário. Disponível em:

<http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/dicas-emprego/o-que-e-ser-estagiario>

PLATÃO; tradução de Maura Iglésias. ***Mênnon***. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Loyola, 2001.

QUINTANA, Mário. *Velório sem defunto*, Alfaguara, Rio de Janeiro, 1990.

XAVIER, Liliane. ***Relatório de Estágio Obrigatório Docente em EJA***. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.